



# As Forças de Operações Especiais na atualidade: o desafio das novas ameaças

A denominada “Era pós-World Trade Center” vem se sagrando como período extremamente heterodoxo quanto aos desafios relacionados aos preparo e emprego das Forças Armadas ao redor do mundo, não ficando o Brasil fora desse novo cenário. Demandas antes inimagináveis surgem... E são cada vez mais difíceis e exigentes; são situações que envolvem severas restrições quanto ao uso da Força. As chamadas “Ações Limpas”, cada vez mais requisitadas, distinguem-se pelos rápidos emprego e mobilização, pelo uso adequado de força para alcançar os objetivos, pelo mínimo de dano colateral e, acima de tudo, nos casos de êxito completo, pelo máximo de exploração positiva dos efeitos da mídia. O Comandante da Marinha, em sua Ordem de Serviço de posse, citou estas novas demandas: são denominadas “Novas Ameaças”. Outras características? Transcendem limites físicos, Estados e governos. Podem ser crimes contra a Humanidade ou “Crimes Trans-fronteiriços”. Forças de Operações Especiais (FOpEsp) especialmente preparadas e equipadas para tarefas não convencionais estão sendo empregadas por diversos Governos no combate a essas “Novas Ameaças”, com excelente saldo positivo em suas ações.

As Operações Especiais (OpEsp) são aquelas realizadas por pessoal especialmente selecionado e adestrado, empregando meios não convencionais e executando ações também não convencionais, com o propósito de destruir ou danificar objetivos específicos, capturar ou resgatar pessoal ou material, coletar dados, despistar e produzir efeitos psicológicos. Normalmente, são operações de duração limitada, caracterizadas por surpresa, dissimulação, audácia e velocidade e empreendidas por pequenos grupos, constituídos de elementos com diversificada habilitação.

O fator tempo nas OpEsp, elemento por vezes escasso nos conflitos contemporâneos, reduz a possibilidade de adequada preparação para a ação, requerendo, então, adestramento permanente, cauteloso e detalhado, à luz do estado da arte.

Destaca-se que os recursos primordiais das Forças de Operações Especiais (FOpEsp) são seus soldados, os quais agregarão um valor especial à Força por seu alto sentido de honra, espírito combativo, arrojo, capacidade de decisão, eficiência e eficácia.

Governos de vários países, na atualidade, têm se utilizado das OpEsp em respaldo às suas políticas exteriores e de defesa, tanto no território nacional como no exterior, em tempo de paz, crise ou guerra, visando alcançar objetivos de alto valor estratégico, que por sua natureza não podem ser obtidos por tropas convencionais.

O Brasil não possui apenas uma imensa fronteira terrestre. Debruça-se também sobre uma incomensurável riqueza marinha, de inesgotáveis recursos em nossa “Amazônia Azul”: mais de 90% de nossas exportações e importações trafegam por navios nas rotas marítimas do Atlântico Sul; dezenas de plataformas petrolíferas em nossas bacias dão suporte à economia e à auto-suficiência de petróleo.

Corroborando com a idéia central deste artigo – Emprego de Forças de Operações Especiais na Atualidade – passaremos a discorrer sobre duas ações ocorridas recentemente na costa da Somália e que certamente devem trazer lições para o Brasil e suas Forças Armadas. Essas ações tratam das operações de resgate realizadas por Forças de Operações Especiais da França e dos EUA no Estreito de Áden, nordeste do continente africano (Figuras 1 e 2). Vale mencionar que a presente abordagem das ações não foi baseada em documentação oficial daqueles países. Valemos, devido à contemporaneidade dos acontecimentos, unicamente de artigos de jornais, de revistas e da Internet. Em futuro próximo serão necessários um estudo mais detalhado e uma conseqüente atualização dessa abordagem.

## Breve histórico

A Somália surgiu em 1960, com a união de dois protetorados (italiano e britânico). O Governo central, chefiado por Siad Barre, pró-soviético, não conseguiu conter uma série de conflitos internos que se arrastaram até 1991, culminando com o esfacelamento do país, dominado por vários grupos rivais. Desde então, a Somália vive em uma intensa guerra civil, a qual matou dezenas de milhares de somalis. Não existe mais unidade nacional, e o país fragmentou-se em regiões.

Em 1992, a ONU iniciou uma ação humanitária liderada por tropas dos Estados Unidos da América.

Em 1993, o contingente do USMC deixou o país após uma série de incidentes, sendo substituído por uma Força-Tarefa de Operações Especiais (“*Task Force Ranger*”) que também tomou parte em escaramuças e acabou por levar a ONU a se retirar em 03 de março de 1995.

Desde o início da guerra civil, nos anos 90, somalis têm praticado a pirataria nas águas ao largo do Chifre da África, seqüestrando navios, petroleiros e suas tripulações em alto-mar, em troca de resgate, tornando a região uma ameaça à navegação internacional.



Figura 01

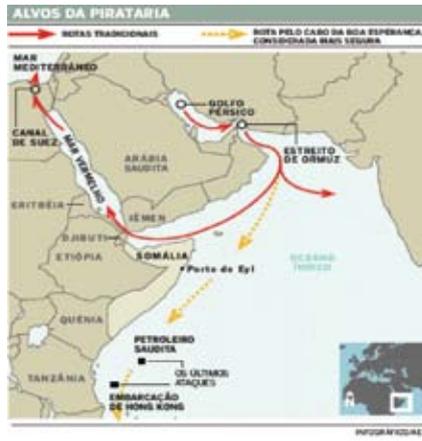


Figura 02

Os piratas são basicamente ex-pescadores ligados aos diversos grupos armados, contando também com técnicos em eletrônica e pessoal habilitado no uso de GPS. É estimado que cerca de 1.000 homens armados e divididos em equipes utilizam-se de pequenas embarcações rápidas para interceptar e abordar os navios.

Em agosto de 2008, uma força-tarefa naval de coalizão internacional, a *Combined Task Force 150*, que inclui navios de guerra do Canadá, dos Estados Unidos, da Alemanha, da França, da Grã-Bretanha, de Portugal e da Turquia, dentre outros, foi formada para combater a pirataria na região, estabelecendo uma área de patrulha e segurança marítima no Golfo de Áden.

Em 21 de novembro, a ONU anunciou a formação de uma força de ataque à pirataria e autorizou a Marinha Indiana a entrar no Golfo de Áden e em águas territoriais da Somália para combater as embarcações piratas e destruir suas bases conhecidas.

Os ataques de piratas nas costas da Somália aumentaram 10 vezes durante o primeiro trimestre de 2009, comparando-se com o mesmo período do ano anterior; e segundo o centro de vigilância do Escritório Marítimo Internacional (IMF), no mesmo período os atos de pirataria em todo o planeta praticamente dobraram, passando de 53, em 2008, a 102 nos três primeiros meses de 2009. Tal aumento foi atribuído quase que integralmente à multiplicação dos ataques nas costas do Golfo de Áden e na costa leste da Somália, que passaram de 6 a 61 no período (Figura 3).

Durante a elaboração deste artigo, existiam mais de 250 reféns nas mãos de piratas somalis, muitos dos quais



Figura 03

de países pobres como Bangladesh, Paquistão e Filipinas, a nação com maior número de seqüestrados (92).

## Ação no veleiro *Le Tanit*

Em 4 de abril de 2009, o veleiro de bandeira francesa *Le Tanit* (foto abaixo) foi seqüestrado juntamente com seus cinco ocupantes, todos de nacionalidade francesa, sendo um dos seqüestrados uma criança. A embarcação se encontrava a 640 Km da costa da Somália.

da Somália.

Em 8 de abril, teve início o período de negociações, que terminou com uma ação ousada dos franceses em 10 de abril. As FOpEsp francesas se aproveitaram para a aproximação ao veleiro *Le Tanit* de três embarcações pequenas, que gradativamente foram diminuindo a distância sem despertar suspeitas. Em dado momento, num golpe de mão, lançaram-se ao ataque neutralizando quase que simultaneamente dois dos cinco piratas.

Por ocasião da ação, além dos piratas neutralizados, um refém morreu no fogo cruzado. Três seqüestradores foram presos. Não se concluiu ainda se o refém morto foi executado pelos piratas nos momentos iniciais do assalto ou se foi realmente vítima do próprio fogo francês. O Governo Francês assumiu a responsabilidade pela ação que foi atribuída às ameaças e à integridade física dos reféns pelos Somalis.



## Ação no porta-containers *Alabama*

Em 8 de abril, o Porta-Containeres *Alabama* (foto abaixo), da gigante de navegação MAERSK, foi seqüestrado quando navegava a 500 km da costa Somali, no Oceano Índico. Os piratas assaltaram o navio, mas o Comandante Richard Philips trancou toda a tripulação em um compartimento estanque e se entregou aos piratas que, ao se verem cercados por navios de guerra dos EUA, dividiram-se em pequenas embarcações, levando consigo o refém.



Uma vez localizada a balsa salva-vidas onde se encontravam o americano e mais 4 piratas, um Contra-Torpedeiro (CT) se aproximou e passou a ser a sede das negociações. Nos dias que se seguiram ao ataque ao navio, uma equipe de SEALs da Marinha dos EUA foi infiltrada na região por pára-quedas, no período noturno, e acolhida pelo CT, quando teve início o planejamento de uma possível ação de resgate com uso da força.

Em dado momento, um dos piratas solicitou ir a bordo do CT para realizar uma chamada telefônica, sendo persuadido a se entregar. O adverso passou a tentar negociar uma rendição com seus outros três comparsas, mas eles mostravam-se irredutíveis.

Atiradores de precisão tomaram posição de tiro no CT. Embarcações menores tentaram se aproximar da balsa, contudo foram repelidas a tiros. Como o mar encrespava, os americanos ofereceram reboque para a balsa a fim de levá-la para local mais tranquilo. Por ocasião do reboque, a balsa se aproximou do CT, propiciando condições técnicas para neutralização dos piratas.

Em 12 de abril, durante um momento crítico, quando um dos seqüestradores fez menção de atirar no refém e ainda quando os três adversos expuseram partes vitais de seus corpos, foi dada luz verde para a ação, com os snipers neutralizando-os simultaneamente. Uma outra equipe tomou a balsa e resgatou, são e salvo, o refém (Figura 4).



Figura 4 - Capitão norte-americano Richard Phillips

## Análise

Ambas as ações foram ousadas e levadas a cabo com grande eficiência e eficácia. Para esse desfecho de sucesso, alguns aspectos pertinentes devem ser considerados:

a) Respaldo político para utilização de FOPEsp na execução das ações, já que ambas foram desencadeadas com o conhecimento dos Chefes de Governo ou de Estado de seus países (apesar de brilhantes, tais ações de resgate acarretaram riscos elevados para os autores).

b) Prontidão das Forças de Operações Especiais (FOPEsp) envolvidas: O constante adestramento e a prontificação de seus armamento, equipamento e material propiciam o emprego, a qualquer momento, em qualquer lugar. A prontidão dos FOPEsp foi plenamente demonstrada pela competência dos Operadores Especiais (em ambos os casos, tanto os Comandos franceses que assaltaram o veleiro, quanto os atiradores norte-americanos que realizaram tiros precisos, fizeram-no a partir de plataformas não estabilizadas).

c) O atendimento dos princípios de guerra (simplicidade, segurança, surpresa, manobra, objetivo e prontidão), previstos na Doutrina Básica da Marinha (DBM), facilitaram de forma incostestável o planejamento e o emprego das FOPEsp de ambos os países.

d) Realização de ações em ambientes sem controle da mídia: Os resultados junto à mídia, em caso de fracasso, são devastadores; porém, o sucesso produz incomensurável suporte das tropas amigas e profundo desgaste aos inimigos.

## Conclusão

Em sendo o Brasil extremamente dependente do mar para movimentar mais de 90% de seu comércio exterior, bem como cerca de 80% de seu petróleo, partilhando inclusive de inúmeras rotas no Índico, vale ressaltar que essa “Nova Ameaça” deve ser levada a sério por nós, que devemos ter Forças de Operações Especiais prontas para fazer frente não só a essa, mas a tantas outras que no futuro se apresentem. Vale mencionar que os navios brasileiros já se encontram realizando onerosas peregrições de desbordamento da região focal, demandando o sul e depois o oeste, o que custa recursos às nossas empresas. Vale ainda frisar que os piratas Somalis arrecadaram cerca de 150 milhões de dólares em 2008, o que nos leva a crer que seus atos vão se prolongar por muito tempo na região, a menos que medidas exemplares sejam tomadas para inibir essas ações. Os meios para dar respaldo às intenções dos Governos repousam, em parte, na prontidão das Forças de Operações Especiais.

## BIBLIOGRAFIA

BLADER, Pete. *The Mission, the Men and Me*. New York: Penguin Group, 2008. ISBN 9780425-22372-7.

MOURA NETO, Almirante-de-Esquadra, Julio Soares de. *Ordem do Dia nº 2 de 1º de Março de 2007*. Brasília, DF: Marinha do Brasil, 2007.

PUGLIESE, David. *Special Forces in the New Battle Against Terrorism*. Ottawa: Spirit de Corps Books, 2003. ISBN 1-895896-24-X.

TELEP, Peter. *Direct Action*. New York: Berkley Publishing Group, 2008. ISBN 9780425-21895-2.

## SITES CONSULTADOS

<http://www.noticias.uol.com.br/htm>

<http://www.g1.globo.com/Noticias/Mundo/html>

<http://www.estadao.com.br/noticias/htm>

<http://www.cnn.com/2009/WORLD/africa/04/13/somalia.rescue.breakdown/index/html>

<http://www.washingtonpost.com/content/article/2009/html>

<http://www.foxnews.com/politics/2009/html>

<http://www.abril.com.br/noticias/mundo/html>